

PSICOPATOLOGIA DA VIDA COTIDIANA

(3.^a edição)

Depois dos protestos metafísicos de HEGEL e KIERKEGAARD, do protesto vitalista de NIETZSCHE e do protesto social de MARX, caberia a FREUD, na defesa da personalidade humana contra o poder absorvente e despersonalizante da Idade Técnica, lançar o último dos grandes desafios existenciais dos tempos modernos: a metapsicologia, ou o protesto psíquico.

Esse o significado de FREUD na sociedade contemporânea, e essa a razão por que continuam válidas as teorias de que ele foi iniciador e profeta, apesar da enorme evolução que sofreram. Grande número de psicoterapeutas vêm ultimamente revelando que, na maioria dos conflitos observados em seus doentes, a causa está sempre condicionada pela situação social em que vivem, numa sociedade repressiva, ansiosa, originadora de compulsões, de concorrências e de limitações de toda espécie.

Enquanto traçava a trajetória do anormal para o normal, descobriu FREUD quão tênue era a linha de demarcação entre o indivíduo normal e o neurótico, e que os mecanismos psicopatológicos, tão luminosamente observados nas psiconeuroses e nas psicoses, podiam, em geral, ser demonstrados nas pessoas normais, embora em menor grau. Tal conclusão foi que conduziu à publicação deste livro, no qual o autor lança muita luz sobre os problemas complexos do comportamento humano e demonstrou, claramente, que o até então considerado intransponível entre os estados normal e anormal é mais aparente do que real.

Psicopatologia da Vida Cotidiana é considerada a obra mais popular de FREUD, sucedendo-se as suas edições nas principais línguas civilizadas, há cerca de cinquenta anos.

SIGMUND FREUD

PSICOPATOLOGIA DA VIDA COTIDIANA

Tradução e apresentação do

DR. ÁLVARO CABRAL

Terceira edição

SBD-FFLCH-USP



133943



ZAHAR EDITORES

RIO DE JANEIRO

150.195
F942pP
3.ed.

Segundo a edição inglesa autorizada
PSYCHOPATHOLOGY OF EVERYDAY LIFE
em tradução e introdução de A. A. Brill
publicada por Ernest Benn Ltd., de Londres

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE

Psicopatologia da vida cotidiana.

150.195
F942pP
3.ed



21300042259

capa de
ÉRICÓ

1969

Direitos para a língua portuguesa adquiridos por
ZAHAR EDITORES
Rua México, 31 — Rio de Janeiro
que se reservam a propriedade desta tradução

Impresso no Brasil

ÍNDICE

<i>Significado de Freud na Sociedade Contemporânea</i>	7
<i>Introdução</i>	11
I — O Esquecimento de Nomes ✓	13
II — O Esquecimento de Palavras Estrangeiras	19
III — O Esquecimento de Nomes e a Ordem das Palavras ..	26
IV — Infância e Memórias Ocultas ✓	42
V — Lapsos de Linguagem ✓	50
VI — Lapsos de Leitura e Escrita ✓	78
VII — O Esquecimento de Impressões e de Resoluções	88
VIII — Ações Executadas Errôneamente ✓	112
IX — Ações Sintomáticas e Casuais	134
X — Erros	153
XI — Atos Defeituosos Combinados	161
XII — Determinismo — Acaso — Crenças Supersticiosas ✓...	167

SIGNIFICADO DE FREUD NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

DEPOIS dos protestos metafísicos de Hegel e de Kierkegaard, do protesto vitalista de Nietzsche e do protesto social de Marx, caberia a Freud, na defesa da personalidade humana contra o poder absorvente e despersonalizante da Idade Técnica, lançar o último dos grandes desafios existenciais dos tempos modernos: a metapsicologia, ou protesto psíquico.

Devemos entender este desafio através dos mais recentes progressos no campo da análise e da síntese da vida pessoal, visto que a *personalidade* é conceito central de todo o desenvolvimento psicoterápico freudiano e pós-freudiano.

A tentativa analítica de libertação do inconsciente, subtraindo-o ao poder das forças repressivas que lhe são impostas pela Sociedade, de libertação do "ego" das solicitações autoritárias do "superego", de libertação da pessoa das correntes compulsivas que a diminuem e lhe eliminam o poder de decisão pessoal, estava destinada, com efeito, a exercer vincada influência na teoria final de salvação do indivíduo.

Muitos assim o crêem, ainda hoje, apesar da enorme evolução sofrida pelas teorias de que Freud foi iniciador e profeta, e crêem-no instintivamente, apoiados em suas próprias experiências pessoais, nessas experiências cotidianas de que este livro nos fala.

Não será a psicoterapia o caminho decisivo para forçar a barreira, aparentemente indestrutível, da sociedade técnica, mas ajuda — e ajudará ainda por algum tempo — a salvar a pessoa de ser *uma coisa entre coisas*.

Um psicanalista inglês perguntava, certo dia, a David Riesman: — Qual é a utilidade de um exercício, mesmo em relação

Freud
mas quem
nada
deus.

de que se trata a razão instrumental e em que medida
quer saber a utilidade?
Sim, mas o indivíduo, que forma a sociedade, deve saber
saber.

àqueles pacientes com quem se obteve êxito, se tenho de os devolver a esta mesma sociedade que os feriu?

Grande número de psicoterapeutas vem ultimamente revelando que, na maioria dos conflitos observados em seus doentes, a causa está sempre condicionada pela situação social em que eles vivem, numa sociedade técnica repressiva, ansiosa, originadora de compulsões, de concorrências, de limitações de toda espécie.

Nestas condições, torna-se óbvio que o poder recuperador da análise, tal como Freud a concebeu, sofre um limite, deixando-se derivar para o campo das reivindicações de natureza social e econômica. Teríamos, pois, a *transformação* como receita de salvação da personalidade humana.

E neste aspecto que a Psicanálise comporta várias zonas de analogia com o protesto social, no existencialismo marxista, e com o problema nietzschiano, na medida em que aceita a possibilidade de um procedimento tecnicamente elaborado salvar a pessoa da sociedade técnica.

Mais do que em suas outras obras capitais, Freud demonstra, nesta *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, que a psicoterapia é uma técnica para a obtenção de um determinado resultado. O objetivo é a *cura* de certos estados mentais patológicos; os seus meios são determinados pela *adequação metodológica* ao objetivo que se pretende atingir.

Freud acreditava, assim, estar o psicanalista em condições de salvar mais pessoas que qualquer outro praticante de medicina física e corporal. Isso leva-nos a outro aspecto do problema freudiano, que é o seguinte:

Dentro dos métodos correntes da psicoterapia estão presentes elementos que transcendem a esfera de ação meramente técnica, elementos esses que envolvem, acima de tudo, uma relacionação de pessoa a pessoa, que pode ser salvadora para o observado como personalidade humana. Sendo assim, significa que o analista metapsíquico se propõe exercer, implícita e indiretamente, *funções de sacerdócio*.

Isso tem sido um fato real, freqüentemente observado. Em tal caso, deveríamos concluir que a psicoterapia não salva a pessoa humana, apenas como psicoterapia, mas ainda, cumula-

tivamente, através da *substância espiritual* em que tanto o analista como o paciente participam em comum.

Conclusão esta da mais profunda significação para o justo entendimento da evolução da técnica freudiana, ou metapsicológica. Porque foi a partir desse ponto que a psicologia exclusivamente personalista dos impulsos controlados foi obrigada a chegar a termos, pelo menos, a termos negativistas, com as verdades universalmente válidas. Isto é, as primordiais *représentations collectives* da sociedade humana.

Freud não pôde assistir ao desenvolvimento das aproximações místicas e teológicas, iniciadas por um Jung, um Wundt e por grande número de psicólogos contemporâneos, mas o seu maior ensinamento, imperfeito como o de todos os iniciadores e apaixonados, foi o de que não deveríamos considerar nunca o materialismo científico como uma espécie de religião ou filosofia privada, outrossim, um domínio de importância coletiva, aliás demonstrado em toda a história contemporânea.

A filosofia e a religião ficavam em planos diferentes, confessado pelo próprio Freud quando diz que a *segunda é algo mais do que uma neurose universal*.

Hoje, o rumo é o de uma intercomunicação, quase diríamos, de uma interdependência psicometafísica, onde tanto Freud como as visões incompatíveis com a crise de ideal realizável, de que ele foi arauto, vão caber e coexistir.

A este propósito, valeria a pena divulgar o desassombrado estudo de Victor Whit, *God and the Unconscious* (Deus e o Inconsciente), onde se estabelecem as bases de um encontro entre a Psicologia e a religião e que mereceu do grande mestre C. G. Jung um prefácio que pode marcar uma época na evolução dos estudos metapsíquicos.

Freud obteria, certamente, uma renovada audiência, uma inesperada atualização dos seus notáveis trabalhos, quando a ética e a psicoterapia, o analista e o confessor, a *gnosis* e a fé, se fundissem numa só Filosofia do Homem.

E a Filosofia do Homem, como Freud nos ensina também, começará pela investigação da realidade humana.

ÁLVARO CABRAL

pto rumo

INTRODUÇÃO

O PROFESSOR FREUD desenvolveu o seu sistema de Psicanálise enquanto estudava os chamados casos limítrofes das doenças mentais, tais como a histeria e as neuroses compulsórias. Ao descartar os velhos métodos de tratamento e aplicando-se, estritamente, ao estudo da vida do paciente, descobriu que os até aí confusos sintomas tinham um significado bem definido, nada existindo de arbitrário em qualquer manifestação mórbida. A Psicanálise demonstrava sempre que tais manifestações se referiam a um problema determinado, ou a um conflito da pessoa em causa. Foi enquanto traçava a trajetória do anormal para o normal que o Professor Freud descobriu quão tênue era a linha de demarcação entre pessoa normal e pessoa neurótica, e que os mecanismos psicopatológicos, tão luminosamente observados nas psiconeuroses e nas psicoses, podiam, em geral, ser demonstrados nas pessoas normais, embora em menor grau. Esta conclusão conduziu a um estudo das ações defeituosas da vida corrente e, mais tarde, à publicação da Psicopatologia da Vida Cotidiana, um livro que já teve quatro edições na Alemanha e que é considerado a obra mais popular do Autor. Com grande engenhosidade e penetração, o Autor verteu muita luz sobre os problemas complexos do procedimento humano e demonstrou, claramente, que o até aí considerado intransponível entre os estados normal e anormal é mais aparente do que real.

Esta tradução foi feita da quarta edição alemã e, se bem que o texto original tenha sido respeitosamente seguido, certas dificuldades idiomáticas tornaram necessário modificar ou substituir alguns dos casos do Autor por exemplos mais compreensíveis ao leitor inglês.

A. A. BRILL

O ESQUECIMENTO DE NOMES

DURANTE o ano de 1898, publiquei um breve ensaio sôbre *O Mecanismo Psíquico do Esquecimento*.¹ Repetirei agora o seu conteúdo e servir-me-ei dêle como ponto de partida para uma discussão mais desenvolvida do tema. Procurarei, nesse artigo, fazer uma análise psicológica de um caso comum de esquecimento temporário de nomes, tendo chegado à conclusão, através de um exemplo concreto por mim próprio observado, de que esta freqüente e praticamente insignificante ocorrência de uma falha, numa função psíquica — a da memória —, tem uma explicação que ultrapassa a utilização habitual dêste fenômeno.

Se um psicólogo médio tivesse de explicar como sucede que, muitas vêzes, falhamos ao tentar recordar um nome que temos a certeza de conhecer, contentar-se-ia em dizer, provavelmente, que os nomes de pessoas estão mais aptos a ser esquecidos do que qualquer outro conteúdo da memória. É possível que êle desse razões plausíveis para esta *preferência do esquecimento*, em relação aos nomes, mas não atribuiria qualquer determinante profundo do processo.

Fui levado a examinar exaustivamente o fenômeno do esquecimento temporário, através da observação de certas peculiaridades que, embora não gerais, podem, apesar disso, ser claramente descobertas, em alguns casos. Nestes, não se verifica apenas o *esquecimento*, mas também a *falsa recordação*: aquêles

¹ Monatschrift f. Psychiatrie.

200 Jan. ist die Erinnerung
an die Namen der
22.2.1898. Erinnerung an die Namen
der 17. Jan. 1898. Erinnerung an die

que tentam recordar um nome fugidio trazem à consciência outros — nomes substitutivos —, os quais, embora reconhecidos imediatamente como falsos, surgem, apesar disso, com grande tenacidade. O processo que deveria conduzir à reprodução de um nome perdido está por isso deslocado e, assim, suscita a erupção de um substitutivo incorreto.

Por conseguinte, é minha convicção que a deslocação não é deixada a uma arbitrariedade específica, seguindo, pelo contrário, rumos exatos e determinados. Por outras palavras, estou convencido de que o nome (ou nomes) substituto tem uma relação direta com o nome perdido e espero, se conseguir demonstrar esta relação, esclarecer a origem dos nomes esquecidos.

No exemplo que selecionei para a análise de 1898, tentei, em vão, recordar o nome do mestre que pintou os afrescos imponentes do "Juízo Final", na cúpula do *Orvieto*. Em vez do nome fugitivo — *Signorelli* — dois outros nomes de artistas — *Botticelli* e *Boltraffio* — me acudiram à memória, sendo nomes que meu julgamento rejeitou, imediata e definitivamente, como incorretos. Quando o nome correto me foi comunicado por um estranho, reconheci-o logo sem a menor hesitação. O exame dos cursos de influência e de associação que causaram a deslocação de *Signorelli* para *Botticelli* e *Boltraffio* provocou os seguintes resultados:

a) A razão para a evasão do nome *Signorelli* não deve ser procurada no estrangeirismo do nome nem no caráter psicológico da ligação no qual foi inserido. O nome esquecido era-me tão familiar como os nomes substitutos — *Botticelli* — algo mais familiar do que o outro substituto — e *Boltraffio* — de quem eu pouco mais sabia além de que pertencia à Escola Milanese. A relação na qual o esquecimento do nome teve lugar também me pareceu inofensiva e não me levou a outra qualquer explicação, nessa altura. Viajei numa carruagem com um desconhecido, desde Ragusa, Dalmácia, até uma estação na Herzegovina. A nossa conversa derivou para as viagens na Itália e eu perguntei ao meu companheiro se estivera alguma vez em *Orvieto* e se lá vira os famosos afrescos de...

b) O esquecimento do nome não foi explicado até que, mais tarde, recordei o tema discutido imediatamente antes dessa conversa. Esse esquecimento revelou-me, então, como um dis-

túrbio do novo tema emergente, causado pelo tema que o precedeu. Em resumo, antes de eu perguntar ao meu companheiro de viagem se ele estivera em *Orvieto*, tínhamos estado a discutir os costumes dos turcos que viviam na *Bósnia* e na *Herzegovina*. Contei-lhe o que ouvira de um colega que exercia medicina entre eles, a saber, o fato deles terem inteira confiança no médico e mostrarem uma completa submissão ao destino. Quando o médico é compelido a informar qualquer deles de que nada há a fazer pelo paciente, respondem: "Senhor (Herr) que posso eu dizer? Sei que se pudesse ser salvo, o senhor o salvaria." Nestas frases, podemos encontrar as palavras e nomes: *Bósnia*, *Herzegovina* e *Herr* (Senhor), os quais se podem inserir numa série de associações entre *Signorelli*, *Botticelli* e *Boltraffio*.

c) Deduzo que o curso dos pensamentos respeitantes aos costumes dos turcos na *Bósnia* etc. perturbou o pensamento seguinte por eu ter desligado a minha atenção dessa conversa, antes dela chegar ao fim, pois lembrei-me que desejava relatar outro episódio que estava, a seguir, na minha memória. Esses turcos dão ao prazer sexual um valor acima de todo o resto e, quando sofrem distúrbios sexuais, caem num desespero absoluto que contrasta estranhamente com a resignação, ante o perigo de perder a vida. Um dos pacientes do meu colega disse-lhe uma vez: "Sabe, Senhor (Herr), se isso acabar, a vida deixa de ter qualquer encanto."

Evitei contar esta feição característica dos turcos, pois não desejava conversar sobre um tema tão delicado com um desconhecido. Mas fui ainda mais longe; desviei também a minha atenção da sequência do pensamento que poderia ter-se associado em mim, com o tema "morte e sexualidade". Eu estava, nessa altura, sob os efeitos de uma mensagem que recebera, algumas semanas antes, durante uma breve estada em *Trafoi*. Um paciente, com quem eu despendera um grande esforço, suicidara-se, devido a uma perturbação sexual incurável. Sei, positivamente, que este triste acontecimento, e tudo o que com ele se relacionava, não veio à minha recordação consciente durante aquela viagem para a Herzegovina. Contudo, a conexão entre *Trafoi* e *Boltraffio* força-me a depreender que esta reminiscência se tornou ativa, nessa altura, apesar do desvio intencional da minha atenção.

d) Já não pude, pois, conceber o esquecimento do nome Signorelli como uma ocorrência accidental. Tive de reconhecer, neste processo, a influência de um *motivo*. Houve motivos que ativaram a interrupção na comunicação dos meus pensamentos (respeitantes aos costumes dos turcos etc.) e que me influenciaram, mais tarde, ao excluir da minha consciência o pensamento com êles relacionado, podendo conduzir à mensagem concernente ao caso de Trafoi — isto é, eu queria esquecer algo, eu *reprimi* algo. Na verdade, eu desejava esquecer outra coisa que não o mestre de Orvieto; mas esse outro pensamento causou uma associação entre êle e o nome, de modo que o meu ato volitivo errou o alvo e eu *esqueci o nome, contra a minha vontade*, enquanto desejava, *intencionalmente*, esquecer o outro. A desinclinação para recordar dirigiu-me contra um conteúdo: a incapacidade para recordar apareceu errôneamente. O caso teria sido mais simples, é óbvio, se tal desinclinação e incapacidade de recordar respeitasse o mesmo conteúdo. Os nomes substitutos já não parecem tão completamente justificados como antes desta explicação. Recordam-me (após uma espécie de compromisso) tanto o que eu desejava esquecer como o que desejava lembrar e mostram que o meu objetivo para esquecer algo não foi nem um êxito perfeito nem um fracasso.

e) A natureza da associação formada entre o nome perdido e o tema reprimido (morte e sexualidade etc.), contendo os nomes de Bósnia, Herzegovina e Trafoi, também é muito estranha. No esquema aqui inserto, que foi publicado originalmente em 1898, tenta-se representar gráficamente essas associações.

O nome Signorelli ficou dividido em duas partes. Um par de sílabas (*elli*) ficou intacto, num dos substitutos, enquanto o outro ganhara, através da tradução de *Signor* (Senhor, *Herr*), muitas e diversas relações com o nome contido no tema reprimido, mas através delas se perdera, na reprodução. A sua substituição foi formada de uma maneira a sugerir que a deslocação teve lugar ao longo das mesmas associações — "Herzegovina e Bósnia" — independentemente do sentido e da demarcação acústica. Os nomes foram, por conseguinte, tratados neste processo como imagens escritas de uma frase a ser transformada num quadro de *puzzle*. Nenhuma informação foi dada à consciência, com respeito a todo este processo, o qual, em vez do nome Signorelli, foi

uma vez que o tema permanece dentro
do conteúdo do momento do processo

assim transformado nos nomes substitutos. À primeira vista, não existe relação aparente entre o tema que continha o nome Signorelli e o tema reprimido que o precedia imediatamente.

Talvez não seja supérfluo notar que a explicação dada não contradiz as condições da reprodução da memória e o esquecimento, concebidas por outros psicólogos, que buscam em certas relações e disposições. Apenas em certos casos, acrescentamos outro motivo aos fatores reconhecidos, desde há muito, como causadores de nomes esquecidos, pondo assim a descoberto o mecanismo da memória defeituosa. As disposições concebidas são também indispensáveis no nosso caso, para tornar possível ao elemento reprimido que ganhe controle associativamente sobre o nome desejado e o introduza na repressão. Isso talvez não tivesse ocorrido num outro nome com condições mais favoráveis de reprodução, visto ser provável que um elemento suprimido lute, continuamente, para se impor de qualquer outra forma, mas só atinge este fim quando encontro condições adequadas. Outras vezes, a supressão triunfa sem distúrbios de função ou, como podemos dizer justamente, sem sintomas.

Quando recapitulamos as condições para o esquecimento de um nome, com recordação defeituosa, verificamos: 1) certa disposição para o esquecer; 2) um processo de supressão que teve lugar pouco antes; e 3) a possibilidade de estabelecer uma associação *externa* entre o nome em questão e o elemento previamente suprimido. A última condição não terá de ser, provavelmente, levada em muita conta, pois a mais ligeira tentativa de análise da associação poderá, na maioria dos casos, revelá-la. Mas já se trata de uma questão bem diferente e de maior alcance, se essa associação externa puder, realmente, fornecer a condição apropriada que permita ao elemento suprimido perturbar a reprodução do nome desejado, ou se, apesar de tudo, uma mais íntima conexão entre os dois nomes não fôr, necessariamente, requerida. Num exame superficial, talvez nos disponhamos a rejeitar aquele último requisito e a considerar o encontro temporal como suficiente, em conteúdos perfeitamente dissimilares. Mas num exame mais profundo, verifica-se, cada vez mais freqüentemente, que os dois elementos (o reprimido e o nôvo), ligados por uma associação exterior, possuem, além disso, uma conexão do conteúdo, o que pode ser também demonstrado pelo exemplo de *Signorelli*.

2

* Em todo o resto que havia dentro dele,
tudo o que ele fez por ser Freud

O valor da compreensão adquirida através da análise do exemplo de *Signorelli* depende, naturalmente, de termos de explicar este caso como um caso típico ou como um caso isolado. Tenho agora de manter que o esquecimento de um nome associado com uma recordação defeituosa, incomum, segue, muitas vezes, o mesmo processo que foi demonstrado no caso de *Signorelli*. De quase todas as vezes que observei este fenômeno em mim próprio, fui capaz de explicá-lo pela forma acima indicada, isto é, como sendo motivado por uma repressão.

Devo ainda mencionar outro ponto de vista, em favor da natureza típica da nossa análise. Creio que não há justificção para separar os casos de esquecimentos de nomes, com recordações defeituosas, daqueles em que nomes substitutivos incorretos não se hajam introduzido. Esses nomes substitutivos ocorrem espontaneamente, em muitos casos; noutros, não surgem espontaneamente: podem ser trazidos à superfície pela concentração da atenção, revelando, então, a mesma relação com os elementos reprimidos e com os nomes perdidos, que com os espontaneamente surgidos. São dois fatores que parecem tomar parte no trânsito dos nomes substitutivos para a consciência: primeiro, o esforço de atenção e, segundo, um determinante superior que adere à substância psíquica. Eu poderia encontrar esta última na maior ou menor facilidade que forma as requeridas associações externas entre os dois elementos. Um grande número de casos de esquecimento de nomes sem recordação defeituosa pertence, por conseguinte, ao grupo dos que formam nomes substitutivos, cujo mecanismo corresponde ao exemplo de *Signorelli*. Mas não me aventurarei, claro está, a afirmar que todos os casos de esquecimento de nome pertencem ao mesmo grupo. Não há dúvida de que existem casos de esquecimento de nome que se processam de um modo muito mais simples. Poderemos representar este estado de coisas, muito cuidadosamente, se afirmarmos que, além do simples esquecimento de nomes, existe outro esquecimento que é motivado pela repressão.

II

O ESQUECIMENTO DE PALAVRAS ESTRANGEIRAS

O VOCABULÁRIO corrente da nossa própria linguagem parece estar protegido contra o esquecimento, dentro dos limites da função normal, mas o caso é diferente com palavras de um idioma estrangeiro. A tendência para esquecer tais palavras alastra-se a todas as partes da fala. Na realidade, dependendo do nosso próprio estado geral e do grau de fadiga, a primeira manifestação de distúrbio funcional evidencia-se na irregularidade do nosso controle sobre um vocabulário estrangeiro. Numa série de casos, este esquecimento segue o mesmo mecanismo como o revelado no exemplo de *Signorelli*. Em demonstração deste fato, relatarei uma única análise, caracterizada, porém, por aspectos valiosos, concernentes ao esquecimento de uma palavra, não de um nome, de uma citação latina. Antes de prosseguir, permitam-me que faça uma descrição clara e completa deste pequeno episódio.

No último verão, quando viajava, durante as minhas férias, reatei as minhas relações com um jovem de educação acadêmica, que estava, como depressa notei, a par de alguns dos meus trabalhos. Durante a nossa conversa, derivamos — já nem recordo como — para o assunto da posição social da raça a que ambos pertencíamos. Ele, sendo ambicioso, lamentou-se do fato de que a sua geração, segundo a sua expressão, estava destinada a crescer inválida; de que era impedida de desenvolver os seus próprios talentos e de satisfazer os seus desejos. Concluiu o seu apaixonadamente sentido discurso com o verso familiar de Vir-

gílio: *Exoriare*... no qual a infeliz Dido deixa a sua vingança sobre Enéias entregue à posteridade. Em vez de "concluiu", ele devia ter dito "desejava concluir", pois não conseguiu terminar a citação e tentou esconder a falha na sua memória, transpondo as palavras:

Exoriar(e) ex nostris ossibus ultor!

Finalmente, sentindo-se vexado, disse: "Por favor, não faça uma cara tão rocista, como se estivesse divertindo com o meu embaraço, mas ajude-me. Falta uma palavra neste verso. Como é ele completo?"

"Com prazer", respondi eu, citando-o corretamente:

Exoriar(e) aliquis nostris ex ossibus ultor!

"É muito estúpido da minha parte ter esquecido tal palavra", disse ele. "À propósito, creio que o senhor proclama que o esquecer não ocorre sem razões; teria grande curiosidade em saber como me aconteceu esquecer este pronome indefinido *aliquis*."

Aceitei com satisfação o desafio, esperando obter mais um caso para a minha coleção, e respondi: "Não será muito difícil, mas tenho de lhe pedir para me dizer francamente, e sem qualquer preocupação crítica, tudo o que lhe ocorrer, depois de focar a sua atenção, sem qualquer intenção especial, sobre a palavra esquecida."²

"Muito bem, veio-me a idéia ridícula de dividir a palavra da seguinte maneira: *a* e *liquis*."

"Quer quer isso dizer?"

"Não sei."

"Que outra coisa lhe ocorre?"

"O pensamento segue para *reliquias* — *liquidação* — *liquidação* — *fluido*."

"E isso significa algo para o senhor?"

"Não, nem de longe..."

² Esta é a forma usual de trazer à consciência idéias ocultas. Cf. *The Interpretation of Dreams*, págs. 83-4, traduzido por A. A. Brill, editado por Macmillan Company, Nova York, e Allen, Londres.

Método Genes

"Então continue."

"Agora penso", disse ele, rindo irônica, "em Simão de Trent, cujas relíquias vi há dois anos, numa igreja de Trent. Penso na velha acusação que foi levantada, de novo, contra os judeus, e no trabalho de *Kleinpaul*, que vê nestes supostos sacrifícios reencarnações, ou revivências, por assim dizer, do Salvador."

"Esta corrente de pensamentos tem certa conexão com o tema que discutíamos antes da palavra latina lhe escapar".

"Tem razão. Agora estou pensando num artigo que li recentemente num jornal italiano. Creio que tinha por título: *O que Santo Agostinho Disse das Mulheres*. Que lhe parece isso?"

Esperei.

"Agora penso em algo que por certo nada tem a ver com o tema."

"Por favor, abstenha-se de críticas, e..."

"Já sei! Já sei! Recordo um elegante cavalheiro idoso que conheci na minha viagem da semana passada. Tratava-se, de fato, de uma pessoa *original*. Parecia-se com uma grande ave de rapina. Chamava-se, se isso lhe interessa, Benedito."

"Pois bem. Já me deu um grupo de Santos de Padres da Igreja: *São Simão*, *Santo Agostinho* e *São Benedito*. Creio que havia um padre da Igreja chamado *Origines*. Três destes, além do mais, são nomes próprios, como *Paulo* (Paul) no nome *Kleinpaul*."

"Agora penso em São Januário e no seu milagre do sangue... Estes pensamentos estão a afluir-me mecânicamente..."

"Então pare um pouco; tanto *São Januário* como *Santo Agostinho* têm algo a ver com o calendário. Poderá relembrar-me o milagre do sangue?"

"Não conhece? O sangue de São Januário está preservado num tubo numa igreja de Nápoles, e em determinado dia santo dá-se o milagre que o liquefaz. O povo é muito devoto deste milagre e fica muito excitado quando o processo de liquidação se atrasa, como aconteceu uma vez, durante a ocupação francesa. O general-comandante — ou Garibaldi, se não me engano — chamou então o padre de lado e, com um gesto sig-

*com o tema
com o
concluiu
antes
por mais
do palavrão
relíquias*

*(não se preserva o sangue
arrastado ao tema...)*

*milagre
interminável*

Friedrich Ten...

nificativo, apontou-o aos soldados e exprimiu a esperança de que o milagre em breve tivesse lugar. Na realidade, aconteceu..."

"Bem, em que mais está pensando? Por que hesita?"

"Ocorreu-me outra coisa, de fato... Mas é um assunto tão íntimo... Além disso, não vejo que relação possa ter ou a necessidade de o revelar."

"Eu decidirei quanto à relação. Claro que não posso forçá-lo a revelar o que lhe é desagradável, mas não me deveria ter pedido, então, que lhe dissesse por que se esqueceu da palavra *aliquis*."

"Realmente? Acha que sim? Pois bem. Lembrei-me, de súbito, de uma mulher de quem eu poderia receber, facilmente, uma mensagem, que seria muito aborrecida para nós ambos."

"Que lhe faltaram as regras?"

"Como adivinhou tal coisa?"

"Não foi muito difícil. Já me preparou para isso há muito tempo. Pense nos santos do calendário, na *liquidificação do sangue em determinado dia*, na *excitação quando o acontecimento não tem lugar e no significado gesto de ameaça, para que o milagre tivesse lugar*... Na realidade, você elaborou o milagre de São Januário, numa engenhosa alusão às regras da mulher."

"Isso foi, com certeza, sem o meu conhecimento. E então o senhor julga que a minha incapacidade para reproduzir a palavra *aliquis* foi devida a esta ansiosa expectativa?"

"Parece-me absolutamente certo. Não se recorda de ter dividido a palavra em *a-liquis* e nas associações: *reliquias*, *liquidificação*, *liquidificação* e *fluido*? Deverei acrescentar a esta conexão o fato de São Simão, a quem chegou pela via das *reliquias*, ter sido sacrificado em criança?"

"Não diga mais, por favor. Espero que não leve êstes pensamentos a sério, mesmo que eu os tenha alimentado. Confessar-lhe-ei, porém, que a senhora em questão é italiana e que visitei Nápoles, na sua companhia. Mas não será tudo isso uma coincidência?"

"Deixarei ao seu critério explicar estas relações, através da convicção de coincidência. Dir-lhe-ei, contudo, que todos os casos analisados conduzem a *coincidências* tão notáveis como esta!"

Tenho mais de uma razão para valorizar esta pequena análise, da qual sou devedor ao meu companheiro de viagem. Primeiro, porque pude servir-me de uma fonte que, de outro modo, não me seria acessível. A maioria dos exemplos de perturbações psíquicas da vida cotidiana, que compilei aqui, teve de se basear em informações de mim próprio. Tentei evitar o muito mais rico material fornecido pelos meus pacientes neuróticos, porque tive de excluir a objeção de que os fenômenos em questão fôssem apenas o resultado e manifestação de neuroses. Teve, por conseguinte, valor especial para o meu propósito, contar com um desconhecido, livre de neurose, como cobaia para um exame. Esta análise também é importante, a outros respeito, principalmente por elucidar um caso de esquecimento de palavra, sem recordação substitutiva, e, assim, confirmar o princípio antes formulado, a saber, de que a aparição ou não aparição de recordações substitutivas incorretas não constitui uma distinção essencial.³

A substituição de palavras depois de esquecidas, embora durante

³ Uma observação mais aguda reduz, de algum modo, o contraste entre as análises de *Signorelli* e *aliquis*, no tocante às reminiscências substitutivas. Também neste caso o esquecido parece estar acompanhado por formações substitutivas. Quando mais tarde perguntei ao meu companheiro se, no seu esforço para recordar a palavra esquecida, não pensara em alguma substituição, informou-me ter sido tentado, de princípio, a colocar um *ab* no verso: *nostris ab ossibus* (talvez a parte dissociada de *a-liquis*), mas que, depois, a palavra *exoriare* ressaltou com particular persistência e nitidez. Dada a sua tendência cética, ela acrescentou que isso era devido, aparentemente, ao fato de se tratar da primeira palavra do verso. Mas, quando lhe pedi para focar a sua atenção nas associações de *exoriare*, deu-me a palavra *exorcismo*. Isso faz-me pensar que o refôrgo de *exoriare* na reprodução tem realmente o valor de tal substituição. Provavelmente, surgiu, através da associação *exorcismo*, dos nomes dos santos. Todavia, êstes são refinamentos sobre os quais não é necessário imprimir muito valor. Parece bastante possível, agora, que a aparição de qualquer espécie de recordação substitutiva é um signo constante — talvez apenas característico e enganador — do esquecimento propositado, motivado pela repressão. Essa substituição pode também existir no esforço de um elemento relacionado com a coisa esquecida, até quando nomes substitutivos incorretos não aparecem. Assim, no exemplo *Signorelli*, enquanto o nome do pintor permanecia inacessível para mim, eu tinha mais do que uma memória visual muito nítida do ciclo dos seus afrescos e do seu retrato num canto; era, pelo menos, mais intensa do que qualquer

O nome interessante é que ficou comido que o nome conhecido é determinado 76 por algo que não abito dela.

Mas o principal valor do exemplo *aliquis* reside em outra das suas diferenciações, no caso *Signorelli*. Neste exemplo, a reprodução do nome torna-se perturbada através dos efeitos posteriores de uma corrente de pensamento, que começara pouco antes e foi interrompida, mas cujo conteúdo não tinha qualquer relação distinta com o novo tema, onde o nome *Signorelli* estava contido. Entre a repressão e o tema do nome esquecido existia, apenas, a relação de contigüidade temporal que alcançava o outro para que os dois pudessem formar uma conexão, através de uma associação externa.⁴ Por outro lado, no exemplo *aliquis* não se pode notar qualquer traço de tal tema, reprimido independente, que pudesse ocupar o pensamento consciente, imediatamente anterior, e depois reecó-lo como um distúrbio. A perturbação na reprodução prosseguiu, neste caso, da parte interior do tema tocado e foi causada pelo fato de, inconscientemente, se ter dado uma contradição à idéia-desejo, representada na citação.

A origem deve ser construída da seguinte maneira: o interlocutor deplorou o fato da presente geração do seu povo estar sendo privada dos seus direitos e, como Dido, pressagiu que nova geração se vingaria dos seus opressores. Expressiu, por conseguinte, um voto para a posteridade. Nesse momento, foi interrompido pelo pensamento contraditório: "Deseja, na realidade, tanto para a posteridade? Isso não é verdade. Pense só em que apuros se encontraria se recebesse agora a informação de que deve esperar posteridade, da parte de quem está pensando. Não, não quer posteridade — tal como não a quer para a sua vingança." Esta contradição impõe-se, tal como no exemplo de *Signo-*

outra das minhas reminiscências visuais. Em outro caso, também relatado no meu ensaio de 1898, eu esquecera completamente o nome da rua e o endereço relacionados com uma visita desagradável, numa cidade estranha, mas — como se para trocar de mim — o número da casa aparecia-me especialmente vívido, quando a memória de números geralmente me causa grande dificuldade.

⁴ Não estou inteiramente convencido da ausência de uma conexão íntima entre as duas correntes de pensamento, no caso de *Signorelli*. Ao seguir cuidadosamente o pensamento reprimido, respeitante ao tema da morte e vida sexual, fere-nos uma idéia que revela uma relação próxima entre esse tema e a dos afrescos de Orvieto.

relli, formando uma associação posterior entre um dos seus elementos de ideação e um elemento do desejo reprimido, mas, neste caso, é reproduzido de uma maneira forçada, através do que parece ser um desvio artificial de associação. Outra concordância importante como o exemplo de *Signorelli* resulta do fato da contradição ter origem nas fontes reprimidas e emanar de pensamentos que poderiam causar o desvio da atenção.

O mesmo se pode dizer sobre a diversidade e a relação íntima de ambos os paradigmas dos nomes esquecidos. Aprendemos a conhecer um segundo mecanismo do esquecimento, a saber, a perturbação do pensamento através de uma contradição interior que emana da repressão. No decurso desta discussão, encontraremos repetidamente este mesmo processo, que me parece ser o mais facilmente compreendido.

Não me lembro de não esquecer nada antes

nesses exemplos, a consciência está presente, antes do esquecimento e o sistema de dois mecanismos

Pelo o tempo
mas como
motivo e último
em
identificação 1 e
identificação 2

inconscientemente, um que quer lembrar o outro que quer esquecer, em dois níveis de consciência mais do que energia livre. Segundo

Em Freud o pulso do mente não é de modo algum como há um apuro algo mais, mas um algo mais só por motivos diferentes

Sob os grandes traços sucessivos em um sistema? 19 mantendo fortemente a memória do mais... como Hofferius lembra

mas q reprimido

190
memoria
negado
que
reprimido

que
lembrar?

III

O ESQUECIMENTO DE NOMES E A ORDEM DAS PALAVRAS

EXPERIÊNCIAS como as mencionadas, relativas ao processo de esquecer uma parte da ordem das palavras de um idioma estrangeiro, podiam levar qualquer um a perguntar-se se o esquecimento da ordenação de palavras na sua própria língua exige uma explicação essencialmente diferente. Por certo, não devemos habituar-nos a ficar surpreendidos se, após algum tempo, as fórmulas ou poemas aprendidos de cor puderam, apenas, ser reproduzidos imperfeitamente, com variações e falhas. Todavia, como este esquecimento não afeta por igual tôdas as coisas aprendidas juntas, mas parece escolher algumas partes definidas delas, talvez valha a pena investigar, analiticamente, alguns exemplos de tais reproduções defeituosas.

Brill relata o seguinte exemplo:

"Quando conversava, certo dia, com uma inteligente jovem, ela teve ocasião de citar Keats. O poema intitulava-se *Ode a Apolo*, e ela recitou os seguintes versos:

"In thy western house of gold
Where thou livest in thy state,
Bards, that once sublimely told
Prosaic truths that came too late."

A jovem hesitou muitas vezes, durante a citação, estando convencida de que tinha errado o último verso. Com grande

surpresa, ao conferir pelo livro, verificou que não só se enganara totalmente no último verso, mas cometera ainda outros erros. Os versos corretos são os seguintes:

ODE A APOLO

"In thy western *halls* of gold
When thou *sittest* in thy state,
Bards, that *erst* sublimely told
Heroic deeds and sang of fate." *

As palavras em grifo são as que foram esquecidas e substituídas por outras, durante a recitação.

"A jovem ficou muito surpreendida ante tantos erros e atribuiu-os a uma falta de memória. Eu convenci-a, sem dificuldade, de que não houve, no seu caso, distúrbio qualitativo ou quantitativo de memória, e recordei-lhe a conversa imediatamente anterior à citação dos versos."

"Estávamos a discutir a sobrestimação da personalidade entre amantes e ela pensava que fôra Vítor Hugo quem dissera que o amor é a maior coisa do mundo, porque faz de um faxineiro de mercearia um anjo ou um deus. Ela continuou: — Só temos uma fé cega na humanidade quando estamos apaixonados; então tudo é perfeito, tudo é belo... tudo é tão poeticamente irreal. Mesmo assim, é uma experiência maravilhosa; vale a pena tê-la, apesar das terríveis decepções que geralmente se lhe seguem. Põem-nos ao nível dos deuses e incita-nos a toda espécie de atividades artísticas. Tornamo-nos verdadeiros poetas; não só memorizamos e recitamos poesias mas, muitas vezes, nós próprios nos tornamos apolos. — Depois, citou os versos acima indicados."

* Mantemos o texto inglês, na reprodução dos versos de Keats, por ser totalmente impossível encontrar equivalentes em português dos valores tônicos e sônicos que servem à exposição do Autor. Em muitos casos futuros, como se verá, podemos encontrar correspondências portuguesas, que não traem o pensamento de Freud, e não hesitamos em efetuar a substituição. Só não o fizemos, como no caso presente, quando a correspondência punha em perigo a necessária fidelidade à idéia original. (Nota do Tradutor.)

"Quando lhe perguntei em que ocasião decorara aquêles versos, ela não conseguiu recordar-se. Como professora de elocução, precisava de decorar tanto e tão frequentemente que lhe era impossível saber quando decorara êsses versos. — A julgar pela conversa — sugeri eu — parece que êste poema está intimamente associado com a idéia da sobrestimação da personalidade de quem está apaixonado. Terá você decorado o poema quando se encontrava numa tal fase? — A jovem ficou pensativa e não tardou a recordar os seguintes fatos: doze anos antes, quando tinha dezoito anos, apaixonou-se. Conheceu um jovem quando participava de um espetáculo teatral para amadores. Ele estava estudando, nesta altura, para o teatro e dizia-se que, algum dia, viria a ser um ídolo. Tinha todos os atributos necessários para tal arte. Era de boa figura, fascinante, impulsivo, muito inteligente e... volúvel. Preveniram-na contra êle, mas não fez grande caso, atribuindo as acusações ao despeito das suas conselheiras. Tudo correu bem durante alguns meses, até que, subitamente, foi informada de que o seu apolo, com quem decorara aquêles versos, fugira com uma jovem casada e muito rica. Alguns anos depois, ouviu dizer que êle estava vivendo numa cidade ocidental, cuidando dos interesses do sogro, pois casara-se mais tarde com essa jovem."

"O caso dos versos mal recitados tornou-se claro. A conversa a respeito da sobrestimação da personalidade, entre os amantes, lembrou-lhe, inconscientemente, aquela desagradável experiência em que sobrestimava a personalidade do homem que amara. Pensara que êle era um deus, mas, afinal, êle era ainda pior do que a média dos mortais. O episódio não podia vir à superfície, por estar determinado por pensamentos desagradáveis e dolorosos. Mas as variações inconscientes no poema mostraram o seu presente estado mental. As expressões poéticas não só foram alteradas para expressões prosaicas como aludiram ainda, nitidamente, a todo o episódio."

Citarei outro exemplo, desta vez do Dr. C. G. Jung, transcrevendo as palavras exatas do Autor, de uma pessoa esquecer a ordem das palavras de um poema que lhe era familiar:⁵

⁵ *The Psychology of Dementia Praecox*, trad. de F. Peterson e A. A. Brill.

"Um homem desejava recitar o poema familiar *A Pine-tree Stands Alone*, etc. No verso *He felt drowsy* emperrou nas palavras *with the white sheet*. Este esquecimento de um verso tão conhecido pareceu-me bastante estranho e eu perguntei-lhe se podia reproduzir as palavras que lhe haviam ocorrido ao espírito quando pensara em *whit the white sheet*. Deu-me então a seguinte série de associações: O lençol branco (*he white sheet*) fez-me pensar num lençol branco sobre um cadáver... Um lençol de linha com que se cobre um cadáver... (Pausa)... Agora penso num amigo íntimo... O seu irmão morreu recentemente... Supõe-se que morreu de um ataque de coração... Era muito corpulento... O meu amigo também é corpulento e pensei que também poderia sofrer o mesmo destino... É provável que não faça exercícios suficientes... Quando me contaram esta morte, senti-me subitamente muito assustado: poderia acontecer o mesmo comigo, pois a minha família é predisposta à obesidade... Meu avô morreu de um ataque de coração... Eu também sou bastante corpulento e, por essa razão, iniciei uma cura há poucos dias."

Jung comenta: "O homem identificara-se, inconsciente e imediatamente, com o pinheiro (*pine-tree*) que estava coberto por um lençol branco."

O exemplo seguinte, de esquecimento de ordem de palavras, devo ao meu amigo Dr. Ferenczi, de Budapeste. Ao contrário dos exemplos anteriores, não se trata de um verso extraído de uma poesia, mas de uma frase feita. Demonstra-nos também o caso bastante invulgar em que o esquecimento se coloca à disposição da discrição, quando esta se encontra em perigo de ceder a um desejo momentâneo. O erro torna-se, então, numa função útil. Ao apreciar o caso calmamente, justificamos aquêlê impulso íntimo que, de princípio, só poderia manifestar-se pela via da inabilidade, como no esquecimento ou na impotência psíquica.

"Durante uma reunião social, alguém citou: '*Tout comprendre, c'est tout pardonner*', ao que eu comentei que a primeira parte da frase deveria ser suficiente, pois *perdoar* deve ser deixado a Deus ou ao padre. Um dos convidados considerou êste comentário muito bom e levou-me, por seu turno, a fazer outro comentário — provavelmente para me assegurar da boa opinião do crítico a meu respeito —, que eu já noutra altura tinha pen-

sado. Mas quando quis repetir êsse inteligente comentário, fui incapaz de o recordar. Então retirei-me logo da companhia dos convidados e fui escrever os meus pensamentos ocultos. Primeiramente, recordei o nome de um amigo que assistira ao nascimento dêsse comentário (desejado) e o da rua, em Budapeste, onde isso teve lugar. Recordei, depois, o nome de outro amigo, que se chamava Marx e a quem, de costume, chamávamos Maxie. Isso conduziu-me à palavra *máxima* e ao pensamento de que, na altura, como no caso presente, se tratava de uma questão de variar uma bem conhecida máxima. Estranhamente, não recordei máxima alguma, mas sim a frase seguinte: *Deus criou o homem à Sua própria Imagem*, e a sua concepção alterada: *O homem criou Deus à sua própria imagem*. Encontrei, então, a reminiscência que eu buscava."

"O meu amigo dissera-me, naquela altura, na Rua Andrassy, nada do que é humano me é estranho. A isso comentei, baseado na minha experiência psicanalítica: — Devia ir mais longe e dizer que nada do que é animal lhe é estranho."

"Mas depois de eu ter encontrado, finalmente, a desejada recordação, não consegui proferi-la, nessa reunião social. A jovem esposa do amigo, a quem eu lembrava a animalidade do inconsciente, estava também entre os presentes e fui lembrado, forçosamente, de que ela não estava preparada para a recepção de tão pouco agradáveis opiniões. O esquecimento poupou-me certo número de perguntas desagradáveis da sua parte, assim como uma inútil discussão e isso deve ter sido a causa da minha *amnésia temporária*."

"É interessante notar que, como um pensamento oculto, uma frase emergiu então, na qual o deus é degradado à invenção humana, enquanto na frase que eu buscava havia uma alusão ao animal no homem. A *capitis deminutio* é, portanto, comum a ambos. Tudo isto era, aparentemente, nada mais do que uma seqüência da corrente de pensamento respeitante à compreensão e ao perdão, que fôra estimulada pela conversação."

"Que o pensamento desejado tenha aparecido tão rapidamente pareceu-me ter sido motivado pelo fato de eu me ter retirado para uma sala vazia, longe da sociedade na qual êle era censurado."

Analisei, desde então, um grande número de casos de esquecimento ou de reprodução defeituosa de ordem de palavras e o resultado constante dessas investigações levou-me a depreender que os mecanismos do esquecimento, como demonstrado nos exemplos *aliquis* e *Ode a Apolo*, são quase de validade universal. Nem sempre é aconselhável relatar tais análises, pois, como no caso das citadas, conduzem geralmente a problemas íntimos e dolorosos da pessoa analisada; não citarei, por conseguinte, mais exemplos desta natureza. O que é comum a todos êstes casos, independentemente do material, é o fato do material esquecido ou distorcido ficar relacionado, através do mesmo rumo associativo, com uma corrente inconsciente de pensamento, a qual salienta a influência que vem à luz como um esquecimento.

Volto agora ao esquecimento de nomes, a cujo respeito ainda não consideramos, completamente, nem os elementos casuísticos nem os motivos. Como esta forma de atos defeituosos pode ser observada em mim próprio, nunca me faltam exemplos. Os ligeiros ataques de nevralgia, dos quais ainda sofro, anunciam-se horas antes de eu esquecer nomes, e, no ponto culminante da crise, durante o qual não posso, por vêzes, suspender o meu trabalho, sou incapaz de recordar quaisquer nomes.

Não obstante, casos como o meu podem fornecer a causa para uma forte objeção aos nossos esforços analíticos. Não seria natural que se fôsse forçado a concluir, de tais observações, dever-se encontrar a causa de tal esquecimento, especialmente no de nomes, nas perturbações circulatórias e funcionais do cérebro, em vez de se preocupar em encontrar explicações psicológicas para êsses fenômenos? Nada disso; semelhante hipótese significaria querer permutar o mecanismo de um processo que, com as suas variações, é sempre o mesmo, em qualquer caso. Mas, em vez de uma análise, citarei uma comparação que resolverá a discussão. *no lugar das curvas + do que a belga do, adverbos*

Suponhamos que eu era tão imprudente que fôsse passear, à noite, num bairro deserto de uma grande cidade, sendo atacado e roubado do meu relógio e carteira. No pôsto policial mais próximo, eu relataria o caso com as seguintes palavras. "Encontrava-me nesta ou naquela rua e fui roubado do meu relógio e carteira por *solidão* e *escuridão*." Embora estas palavras não

relatório dos por venturas do mesmo nome

exprimissem algo de incorreto, eu corria o risco de ser considerado — devido ao fracasso do relato — como pouco firme de juízo. Para ser correto, eu deveria descrever o caso da seguinte maneira: "Devido à solidão do local e sob o manto da escuridão, fui roubado dos meus bens por malfetores desconhecidos."

Agora, neste caso, a situação do esquecimento de nomes não precisa ser diferente. Favorecido pelo cansaço, perturbações circulatórias e intoxicações, sou roubado, por uma força psíquica desconhecida, do controle dos nomes que pertencem à minha memória; trata-se da mesma força que, em outros casos, pode causar a mesma falha da memória, durante os períodos de saúde perfeita e de capacidade mental completa.

Quando analiso os casos de esquecimento de nomes, ocorridos em mim próprio, descubro quase regularmente que o nome oculto tem qualquer relação com um tema que me diz respeito e que está apto a provocar em mim emoções fortes, por vezes dolorosas. Seguindo a conveniente e aconselhável prática da Escola de Zurique (Bleuler, Jung, Riklin), eu poderia exprimir o mesmo critério da forma seguinte: o nome oculto tocou, em mim, um complexo pessoal. A relação do nome com a minha pessoa é inesperada e é, na maioria dos casos, provocada por associações superficiais (palavras de duplo significado e de som semelhante); pode, de modo geral, ser designada por associação marginal. Alguns exemplos simples poderão ilustrar melhor a natureza das mesmas:

a) Um paciente pediu-me que o recomendasse a um sanatório na Riviera. Eu conhecia um, perto de Gênova, e recordava-me, também, do nome do colega que o dirigia, mas não consegui recordar o nome do local, embora julgasse conhecê-lo. Nada mais pude fazer do que pedir ao paciente que aguardasse e apelar para a ajuda das mulheres da minha família.

— Como se chama aquele sanatório perto de Gênova, que é dirigido pelo Doutor X., e onde a senhora tal ficou tanto tempo em tratamento?

— É natural que se tenha esquecido de tal nome. Chama-se Nervi.

Por certo que tenho muito a ver com nervos.

b) Outro paciente falou-me de uma conhecida estância de veraneio e garantiu-me que, entre dois hotéis mais populares, havia um terceiro. Eu neguei a existência de um terceiro hotel e referi-me à circunstância de ter passado sete verões nas vizinhanças, pelo que conhecia o local melhor que ele. Instigado pela minha contradição, o paciente recordou o nome. O terceiro hotel chamava-se "Hochwartner". Claro, tive de admitir que ele tinha razão; na realidade, fui obrigado a confessar que, durante sete verões, eu vivera muito perto desse hotel, cuja existência eu agora negava tão terminantemente. Mas por que teria esquecido o seu nome e existência? Creio que terá sido porque o nome se parecia muito ao de um colega vienense, que praticava a mesma especialidade que eu. O seu nome tocava o meu "complexo profissional".

c) Em outra ocasião, quando estava prestes a comprar uma passagem de trem, na estação de Reichenhall, não consegui recordar-me do nome muito familiar da próxima grande estação, pela qual eu tantas vezes passara. Fui forçado a consultar o horário. O seu nome era Rosenheim (Sítio de Rosas). Depressa descobri quais foram as associações que me fizeram esquecer esse nome. Uma hora antes, visitara a minha irmã, na sua casa perto de Reichenhall; o nome de minha irmã é Rosa e, daí, o sítio da Rosa. Este nome foi-me levado pelo meu "complexo de família".

d) Posso demonstrar, numa série completa de complexos, toda esta influência predatória do "complexo de família".

Certo dia, fui consultado por um jovem, irmão mais novo de uma das minhas pacientes, que eu já vira por várias vezes e a quem tratava pelo nome próprio. Mais tarde, quando desejei referir-me à sua visita, esqueci-me do seu nome próprio, que não era difícil, e não consegui recordá-lo, fôsse de que maneira fôsse. Encontrei-me na rua, pouco depois, e, ao olhar para um letreiro, reconheci o nome imediatamente.

Análises subseqüentes revelaram-me que eu estabelecera um paralelo entre o visitante e o meu próprio irmão, que se centrara na seguinte questão: "Teria o meu irmão, num caso semelhante, procedido da mesma forma, ou contrariamente?" E conexão exterior entre os meus pensamentos respeitantes ao jovem desconhecido e os que respeitavam à minha própria família tor-

Uma pergunta que nos leva a porque algumas pessoas esqueçam aquelas coisas que lhe são fundamentais e con-

Explicar os nomes que lhe são fundamentais, e que

nou-se possível, devido à coincidência dos nomes das respectivas mães ser, em ambos os casos, Amélia. Subsequentemente, compreendi, também, os nomes substitutivos Daniel e Frank, que me surgiram sem qualquer explicação. Estes nomes, tal como Amélia, pertencem à peça de Schiller, *Os Gatunos*; todos êles relacionados a uma história de Daniel Spitzer.

e) Em outra ocasião, fui incapaz de me lembrar do nome de um paciente que tinha certa relação com a minha vida anterior. Tive de seguir uma análise, muito longa e tortuosa, antes de descobrir o nome desejado. O paciente exprimira a sua preocupação pelo receio de perder a vista; isso recordou-me um jovem que ficara cego em consequência de um tiro de espingarda, o que me levou, por sua vez, à imagem de outro jovem que se suicidara com um tiro, e cujo nome era o mesmo do meu primeiro paciente, embora não houvesse quaisquer laços entre eles. O nome tornou-se-me conhecido, contudo, após a ansiosa apreensão dêsses dois casos juvenis ser transferida para uma pessoa da minha própria família.

Assim, uma corrente incessante de "auto-referência" flui através dos meus pensamentos, sobre o que, usualmente, não tenho o menor indício prévio, mas que se denuncia através de tais esquecimentos de nomes. E como se eu fosse forçado a comparar comigo próprio tudo o que ouço de desconhecidos, como se os meus complexos pessoais se agitassem ao receber informações de outrem. Parece impossível que isso se trate de uma peculiaridade individual minha; devo, pelo contrário, indicar a maneira como todos nós, em geral, apreendemos os assuntos exteriores.* Tenho razões para supor que outros indivíduos têm experiências semelhantes às minhas.

O melhor exemplo dêste gênero foi-me relatado por um cavalheiro chamado Lederer, num caso de experiência pessoal. Durante a sua viagem de lua-de-mel a Veneza, encontrou um homem que já era seu conhecido de vista e foi obrigado a apresentá-lo a sua esposa. Como não sabia o nome do homem, conseguiu livrar-se do embaraço, da primeira vez, murmurando um nome ininteligível. Mas quando voltou a encontrá-lo, o que é inevitável em Veneza, chamou-o de lado e pediu-lhe para o auxiliar naquela dificuldade e lhe dizer o seu nome, que elle tão infelizmente esquecera. A resposta do outro indicou um conhecimento

* Citando-se ali é um parágrafo que os
adversários de Freud gostariam de esquecer, principalmente
os marxistas. Eu não. Lembrem-se que a obra
marxista é o conteúdo de Freud, e não grande quantidade

superior da natureza humana: "É normal que o senhor não se recorde do meu nome. É igual ao seu... Lederer!"

Ninguém consegue suprimir certo sentimento desagradável ao descobrir o seu próprio sobrenome num desconhecido. Senti isso recentemente, com muita nitidez, quando fui visitado, nas minhas horas de consultas, por um homem chamado S. Freud. Entretanto, um dos meus próprios críticos assegurou-me que, a tal respeito, ele procede de uma maneira totalmente oposta.

f) Os efeitos da relação pessoal podem ser reconhecidos, também, nos seguintes exemplos relatados por Jung.⁶

“O Sr. Y. apaixonou-se por uma dama que, pouco depois, casou-se com o Sr. X. A despeito do fato de o Sr. Y. ser um velho amigo do Sr. X., tendo até relações de negócios com êle, esquecia-se repetidamente do seu nome e, por diversas ocasiões, ao desejar corresponder-se com X., viu-se coagido a perguntar o seu nome a outras pessoas.”

Contudo, a motivação para o esquecimento é mais evidente neste caso do que nos precedentes, que estavam sob a constelação da referência pessoal. No último caso, o esquecimento é um resultado direto, manifestamente, da antipatia de Y. em relação ao seu feliz rival; êle não desejava saber o que quer que seja a respeito dêle.

g) O caso seguinte, relatado por Ferenczi, a análise do qual é especialmente instrutiva, através da explicação de pensamentos substitutivos (como *Botticelli* — *Boltraffio* para *Signorelli*), mostra de uma forma um pouco diferente como a auto-referência conduz ao esquecimento de um nome:

"Uma senhora que ouvira falar de Psicanálise não se podia recordar do nome do psiquiatra, Young (Jung).

"Em vez disso, ocorreram-lhe os seguintes nomes: Kl. (um nome)... Wilde... Nietzsche... Hauptmann.

"Eu não lhe disse o nome e pedi-lhe para repetir as suas associações livres, para cada pensamento.

"Para Kl. pensou, imediatamente, na Senhora Kl., dizendo que ela era uma pessoa artificial e afetada, que parecia bem para a sua idade. — Não envelhece. — Como concepção principal de Wilde e Nietzsche, deu a associação de 'doença mental'.

⁶ *The Psychology of Dementia Praecox*, pág. 45.

Acrescentou depois, bem disposta: — Os freudianos continuam a procurar as causas das doenças mentais, até que eles próprios acabam loucos. — Continuou ela: — Não posso suportar Wilde ou Nietzsche. Não os compreendo. Ouvi dizer que ambos eram homossexuais. Wilde ocupava-se muito de *jovens* (embora ela tivesse dito nesta frase o nome correto, ainda não podia recordar-se dele).

"Para Hauptmann, ela associou as palavras *half* (metade) e *youth* (juventude), e só depois de eu lhe chamar a atenção para a palavra *youth* é que ela descobriu que estava procurando o nome de Young (Jung = Jovem)."

É evidente que esta senhora, que perdera o seu marido aos trinta e nove anos de idade e que não tinha perspectivas de voltar a casar, possuía causas suficientes para evitar reminiscências respeitantes à juventude ou à velhice. A coisa mais notável é que os pensamentos ocultos do nome desejado vieram à superfície como simples associações de conteúdo, sem qualquer associação de som.

b) Outro caso, também diferente e muito sutilmente motivado, é o de esquecimento de nome, que a própria pessoa explicou:

"Quando fazia um exame de Filosofia, como tema secundário, fui interrogado pelo examinador sobre os ensinamentos de Epicuro. Perguntaram-me se sabia quem, séculos mais tarde, retomara a sua doutrina. Respondi que fôra Pierre Gassendi, de quem ouvira dizer num bar, dias antes, que era um adepto de Epicuro. Ao perguntarem-me como sabia eu isso, respondi ousadamente que já me interessava por Gassendi há muito tempo. Isso resultou num diploma de *magna cum laude*. Porém, mais tarde, infelizmente, resultou também numa tendência persistente para esquecer o nome de Gassendi. Creio que este fato é devido à minha consciência culpada e é por isso que não consigo recordar o nome, apesar de todos os meus esforços. Eu não devia ter sabido o nome quando fui examinado."

Para se fazer uma apreciação devida da intensa repugnância do narrador, contra a recordação deste episódio do seu exame, é preciso dar-mo-nos conta de quanto ele se orgulhava do seu diploma de doutor e para quantas outras coisas este substitutivo devia ser válido.

Acrescento outro exemplo de esquecimento de nome de uma cidade, um exemplo que não é, talvez, tão simples como os anteriores mas que parecerá crível e valioso aos mais familiares com este gênero de investigações. O nome de uma cidade italiana retirou-se da memória por causa da sua distante e intrincada semelhança fônica com o primeiro nome de uma mulher, o qual foi, por sua vez, relacionado com várias reminiscências emotivas, que não foram, por certo, exaustivamente descritas neste relato. O Dr. S. Ferenczi, que observou este caso de esquecimento em si próprio, tratou-o — muito corretamente — como uma análise de um sonho, ou de uma idéia erótica.

"Hoje visitei uns velhos amigos e a conversa derivou para as cidades do norte da Itália. Alguém comentou que ainda revelavam influência austríaca. Foram citadas algumas dessas cidades. Eu também pretendi mencionar uma, mas o nome não me ocorreu, embora eu lá tivesse passado dois dias muito agradáveis; isso, claro, não concorda plenamente com a teoria do esquecimento, de Freud. Em vez do nome desejado da cidade, surgiram-me os seguintes pensamentos: Cápus... Brescia... O Leão de Brescia. Vi diante de mim, objetivamente, esse leão, na forma de uma estátua de mármore, mas depressa notei que se parecia menos com o leão da Estátua da Liberdade, em Brescia (que eu apenas conhecia de fotografia), do que o outro leão de mármore que eu vira em Lucerna, no momento em honra da Guarda Suíça que tombara nas Tuhérias. Finalmente, pensei no nome desejado: era Verona."

"Descobri logo a causa desta amnésia. Não era mais do que uma antiga criada da família, que eu visitara nessa altura. Chamava-se Verônica; em húngaro, Verona. Eu sentia uma grande antipatia por ela, devido à sua fisionomia repugnante, assim como pela sua voz estridente e insuportável autoritarismo (devido a ter estado muito tempo ao nosso serviço). Além disso, a forma tirânica como tratava as crianças da família era-me penosa. Agora já sabia o significado dos pensamentos substitutivos."

"Para Capua, associei logo *caput mortuum*. Comparara muitas vezes a cabeça de Verônica com uma caveira. A palavra húngara *kapzoi* (avareza) forneceu-me, certamente, um determinante para a deslocação. Também encontrei, naturalmente, outras associações mais diretas, que relacionavam Capua com Verona, como noções geográficas e palavras italianas do mesmo ritmo."

significante
relacionam
as diversas
complexos
76.

mas não no
no caso, por
exemplos me
lembrar do
maravilha
nada da Itália
de influência
ambas

manias
auto
ambas

mas quem
na am
desejada
caso

passagem
desejada
de influência
antecede
relação a
queque
algas do
leão

Capua
aparece
na história
na XX

halibabu

do caso em
narrar

esta frase é um tanto estranha...
pensamentos ocultos do nome desejado, sem associação de som.
nem? Young, youth, Jung

"O mesmo aconteceu no caso de Brescia; aqui encontrei, também, rumos marginais ocultos de associações de idéias."

"A minha antipatia era tão violenta, nessa altura, que eu considerava Verônica muito feia e até exprimi, muitas vezes, a minha surpresa ante o fato de que alguém a pudesse amar. — Beijá-la? — dizia eu. — Deve provocar náusea."

"Brescia, na Hungria, é muitas vezes mencionada, não relativamente ao Leão mas a outro animal selvagem. O nome mais odiado neste país, assim como no norte da Itália, é o do General Haynau, que é conhecido como a Hiena de Buxia. Do odiado tirano Haynau flui uma corrente de pensamentos que conduz de Brescia à cidade de Verona, e ainda outra corrente, da idéia de *animal necrófilo com a voz rouca* (que corresponde ao pensamento do monumento aos mortos) à da caveira e da desagradável voz de Verônica, que estava tão cruamente impressa no meu inconsciente. Verônica, no seu tempo, governava tão tiranicamente como o general austríaco, durante as lutas italo-húngaras pela liberdade."

"Lucerna associa-se à idéia de um verão que Verônica passou com os seus patrões num local perto daquela cidade. A Guarda Suíça recorda-me que ela não só tiranizava as crianças, mas ainda os adultos da família, representando assim o papel de *Garde-Dame*."

"Sublinho que esta minha antipatia contra Verônica pertence ao passado. Desde esse tempo, ela melhorou muito em aspecto e modos e eu sou capaz, agora, de me encontrar com ela com sincera cortesia (a verdade é que tais ocasiões são muito raras). Como é costume, o meu inconsciente agarra-se com maior tenacidade às mais antigas impressões; é velho no seu ressentimento."

"As Tuhérias representam uma alusão a uma segunda personalidade, uma velha senhora francesa, que, na realidade, guardava as mulheres de casa e que era muito considerada, um pouco receada por todos. Durante muito tempo fui seu *élève* de francês. A palavra *élève* recorda-me que, quando visitei o genro do meu atual anfitrião, no norte da Boêmia, ri-me muito porque a população rural se referia aos *élèves* (alunos) da escola agrícola como *loewen* (leões). Esta divertida reminis-

cência deve ter tido a sua parte na deslocação da hiena pelo leão." *de memória confundem os nomes*

i) O seguinte exemplo pode demonstrar, também, como um complexo pessoal que faz vacilar a pessoa, em dado momento, pode causar, por caminhos *invisos*, o esquecimento de um nome.⁷

Dois homens, um de mais idade e um jovem, que haviam viajado juntos na Sicília, seis meses antes, trocavam impressões desses agradáveis e interessantes dias.

"Ora, vejamos, como se chamava aquele local", perguntou o mais jovem, "onde passamos a noite, antes de visitar Selinonte? *Calatafini*, não era?"

O mais velho rejeitou a idéia, dizendo: "Não é; mas eu também esqueci o nome, embora possa recordar-me, perfeitamente, de todos os pormenores do local. Sempre que ouço alguém dizer que se esqueceu de um nome, isso faz com que eu o esqueça também. Procuremos esse nome. Não consigo pensar noutro que não seja *Caltanissetta*, que certamente não é correto."

"Não", disse o mais jovem, "o nome começa ou contém um *w*."

"Mas a língua italiana não contém *w*", redargüiu o mais idoso."

"Eu queria dizer um *v*, mas disse *w* porque estou habituado a trocá-los na minha língua natal."

O mais velho, porém, rejeitou igualmente o *v*, acrescentando: "Creio que já esqueci a maioria dos nomes sicilianos. Tentemos recordar alguns. Por exemplo: qual era o nome daquele local situado no alto que, na Antiguidade, se chamava Enna?"

"Ah, esse sei eu! *Castrogiovanni*!" No momento seguinte, o jovem recordou-se do nome perdido, exclamando: "*Castelvetrano*!", e ficou muito contente por mostrar o suposto *v*.

O mais idoso levou algum tempo a reconhecer o nome, mas aceitou-o, depois, explicando por que se esquecera dele: "Foi com certeza por causa da segunda parte, *vetrano*, que sugere *veterano*. Sei que não gosto de pensar na minha idade e reajo de uma ma-

⁷ Zentralb. f. Psychoanalyse, I, 9, 1911.

mulher: não reações

neira muito especial, sempre que me falam nela. Assim, por exemplo, lembrei recentemente a um amigo estimado que ele já passara há muito os anos da juventude, pois o ouvira comentar, uma vez, de uma forma bastante lisonjeira, que já não era nenhum môço. O fato da minha resistência ser dirigida contra a segunda metade do nome *Castelvetrano* é demonstrado pelo som inicial do mesmo, usado no substitutivo *Caltanissetta*."

"E o que me diz sobre esse nome *Caltanissetta*?", perguntou o jovem.

"Sempre me pareceu ser o diminutivo de um nome de senhorita", confessou o outro.

Um pouco mais tarde, acrescentou: "O nome de Enna também era apenas um substitutivo. E ocorre-me agora que o nome *Castrogiovanni*, que me surgiu com o auxílio de uma racionalização, alude a *giovane* (jovem), como o nome *Castelvetrano* a *veterano*."

O mais idoso dos homens ficou assim convencido de que justificara o esquecimento do nome, mas o motivo que levou o jovem a esquecê-lo, também, não foi investigado.

Por vêzes, é necessário recorrer a toda a sutileza de técnica psicanalítica para se poder explicar o esquecimento de um nome. Para os que desejarem ler um exemplo de tal trabalho, indico uma comunicação feita pelo Professor E. Jones.⁸

Eu poderia multiplicar os exemplos de esquecimento de nomes e prolongar a discussão por ainda muito tempo, se não desejasse evitar a elucidação, aqui, de quase todos os pontos de vista que serão considerados nos temas seguintes deste livro. Tomei a liberdade, contudo, de resumir em poucas frases o resultado das análises aqui relatadas.

O mecanismo do esquecimento, ou antes, de perder ou de esquecer temporariamente um nome, consiste na perturbação da reprodução do nome desejado, devido a uma desconhecida, na altura, corrente de pensamento inconsciente. Entre o nome perturbado e o complexo de perturbação existe, desde o início,

⁸ "Analyse eines Falles von Namenvergessen", *Zentralb. f. Psychoanalyse*, Jahrg. II, Heft 2, 1911.

uma conexão ou, então, esta foi formada — talvez por meios artificiais — através de associações superficiais (exteriores).

O complexo de auto-referência (pessoal, familiar ou profissional) tem provado ser o mais eficaz dos complexos de perturbação.

Um nome que em virtude dos seus muitos significados pertence a certo número de associações de pensamento (complexos) é freqüentemente perturbado na sua relação com uma série de pensamentos, através de um forte complexo pertencente às outras associações.

Para evitar o despertar de sentimentos dolorosos através da memória, o pensamento suscita os motivos dessas perturbações.

Em geral, podem distinguir-se dois casos principais de esquecimento de nome: quando um nome toca em algo de desagradável ou quando se liga a outras associações que são influenciadas por tais efeitos, de maneira que os nomes são perturbados por si próprios, ou por terem relações associativas mais próximas ou mais remotas, na sua reprodução.

Uma análise destes princípios gerais facilmente nos convence de que o esquecimento temporário de um nome é observado como a mais freqüente ação defeituosa das nossas funções mentais.

Não obstante, estamos longe de ter descrito todas as peculiaridades deste fenômeno. Desejo chamar também a atenção para o fato de que o esquecimento de nome é extremamente contagioso. Numa conversa entre duas pessoas, a simples menção, por parte de uma delas, de se ter esquecido deste ou daquele nome, é suficiente para induzir a mesma falha de memória na outra pessoa. Mas quando o esquecimento é induzido, o nome volta depois à superfície, facilmente.

Existe ainda um esquecimento contínuo de nomes, no qual séries inteiras de nomes são retiradas da memória. Se no decurso das tentativas para se encontrar o nome fugitivo outros são descobertos que se relacionem àquele, acontece freqüentemente que os novos nomes também são esquecidos. O esquecimento salta, assim, de um nome para outro, como se para demonstrar a existência de um impedimento que não é facilmente removível.